

Prática? É uma Questão de Gosto!¹

Silvia Gherardi

Resumo

Este artigo tem como objetivo melhorar a nossa compreensão de como as práticas são socialmente sustentadas, aprendidas e constantemente refinadas, argumentando que a prática é muito mais do que um conjunto de atividades – além de julgamentos instrumentais e éticos, ela envolve, gosto e apreciação. Gosto é a noção do que é esteticamente apropriado dentro de uma comunidade de praticantes – uma preferência pela “forma como fazemos as coisas juntos”. O gosto é baseado na ligação subjetiva ao objeto da prática e é aprendido e ensinado como parte de se tornar um praticante, ele é desempenhado como uma atividade coletiva e situado dentro de uma prática. A elaboração do gosto e o refinamento da prática dentro de uma comunidade envolve a formação do gosto, a qual é baseada em “conhecimento sensível” e negociação contínua de categorias estéticas. O artigo analisa como, em uma variedade de práticas, a formação do gosto ocorre por meio de três processos: o compartilhamento de um vocabulário para apreciação; a formação de identidades dentro de comunidades epistêmicas e o refinamento de desempenhos.

Palavras-chave

Vínculo. Relatibilidade normativa. Estudos Baseados em Prática. Conhecimento Sensível. Formação do Gosto.

Abstract

This article aims to enhance our understanding of how practice is socially sustained, learnt and constantly refined by arguing that practice is much more than a set of activities—it involves, beside instrumental and ethical judgements, taste and appraisal. Taste is a sense of what is aesthetically fitting within a community of practitioners—a preference for ‘the way we do things together’. Taste is based on subjective attachment to the object of practice and is learnt and taught as part of becoming a practitioner; it is performed as a collective, situated activity within a practice. The elaboration of taste and the refining of practice within a community involves taste-making, which is based on ‘sensible knowledge’ and the continual negotiation of esthetic categories. The article examines how, in a variety of practices, taste-making

occurs through three processes: sharing a vocabulary for appraisal; crafting identities within epistemic communities; and refining performances.

Keywords Attachment. Normative accountability. Practice-based Studies. Sensible Knowledge. Taste-making.

INTRODUÇÃO

Teorias da prática têm atraído muita atenção de estudiosos de organizações e de gestão nos últimos anos (BROWN; DUGUID, 1991, 2001; ORR, 1996; GHERARDI, 2000; ORLIKOWSKI, 2000; YANOW, 2004) e um novo rótulo – Estudos Baseados em Prática – foi cunhado para designar um conjunto heterogêneo de estudos empíricos sem uma definição comum do termo “prática”. Como o livro editado por Schatzki, Knorr-Cetinae Von Savigny (2001) exemplifica, os estudos baseados em prática representam uma “virada prática”, apesar de suas diferenças internas.

As razões a favor de nomear mais uma “virada” nos estudos organizacionais residem na lente crítica usada para analisar a visão racional-cognitivista de conhecimento e para rejeitar a distinção convencional entre níveis micro e macro de análise. O que muitos estudos de prática têm em comum é um interesse de natureza coletiva, situada e provisória do conhecimento e um senso de materialidade compartilhada em campos de práticas tão diferentes como inovação tecnológica (ORLIKOWSKI, 2000), reparação de fotocopiadoras (ORR, 1996), construção de pontes (SUCHMAN, 2000), desenvolvimento de estratégias (BLACKLER *et al.*, 2000; SAMRA-FREDERICKS, 2005), *haute cuisine* (GOMEZ *et al.*, 2003), para citar apenas alguns. Ao mesmo tempo, divergências persistem sobre questões centrais como a própria concepção da prática.

A maior difusão e aceitação dos estudos baseados em prática têm sido acompanhada por preocupações sobre a perda do poder crítico quando o termo “prática” é considerado sinônimo de “rotina”, “vantagem competitiva”, “habilidades incorporadas”, ou tomado como um equivalente genérico de “o que as pessoas fazem”, sem fundamentação teórica iluminando a natureza do objeto de estudo e de sua contribuição original e distintiva para a compreensão da ordem social. Com referência às práticas científicas, Rouse (2002, p. 161) argumenta que há confusão no campo, devido a duas formas de compreender a prática: 1) práticas identificadas com regularidades ou semelhanças entre as atividades dos grupos sociais, 2) práticas caracterizadas em termos de relatibilidade normativa de vários desempenhos.

A primeira definição leva à domesticação dos estudos baseados em prática, no sentido que as práticas se confundem com atividades e seu esforço produtivo. A segunda definição, à qual este artigo pretende contribuir, torna possível significar tanto a nossa produção do mundo quanto o resultado desse processo de produção. As práticas não são apenas padrões recorrentes de ação (nível de produção), mas também padrões recorrentes de ação socialmente

sustentada (produção e reprodução). O que as pessoas produzem em suas práticas situadas não é só trabalho, mas também a (re)produção da sociedade. Nesse sentido, a prática é um conceito analítico que permite a interpretação de como as pessoas realizam o ser no mundo ativo. A prática não é reconhecível fora do seu significado intersubjetivamente criado, e o que torna possível a reprodução competente de uma prática uma vez após outra e o seu refinamento enquanto é praticada (ou o seu abandono) é a negociação constante do que é pensado como sendo uma maneira correta ou incorreta de praticar dentro da comunidade de seus praticantes.

O tema de como a reprodução das práticas contribui para a produção da ordem social dentro de práticas de trabalho tem sido negligenciado pelos estudos baseados em prática. Sua subavaliação impede-nos de estudar como as práticas são socialmente sustentadas por meio de formas situadas de aprender os critérios de apreciação e formas situadas de transmiti-los. O presente artigo pretende ilustrar como o vínculo apaixonado de uma comunidade de praticantes ao objeto de sua prática é a base da formação do gosto, ou seja, uma conquista coletiva que permite que os praticantes apreciem os vários desempenhos de suas práticas de trabalho que, ao serem avaliados e contestados, são constantemente refinados.

Nas seções seguintes, primeiramente, descrevo como uma sociologia dos vínculos pode contribuir para moldar a relação entre a comunidade e o objeto de sua prática em termos de julgamentos estéticos que sustentam socialmente o significado da prática para seus praticantes. Então, argumento que a elaboração de um vocabulário para apreciar as nuances de um desempenho competente da prática e para transmiti-las (e contestá-las) constitui o núcleo da atividade de formação do gosto. Eu defino formação do gosto como um processo discursivo coletivo emergente que constantemente refina as práticas, e que é feito ao dizer, e é dito ao fazer. Portanto, distingo analiticamente três processos internos à formação do gosto e os apresento em seções separadas: o compartilhamento de um vocabulário para apreciação; a formação de identidades dentro de comunidades epistêmicas, e o refinamento de desempenhos. Na última seção, discuto como a formação do gosto sustenta as práticas de trabalho, a sua reprodução qualificada e seu refinamento competente.

Situando o Gosto e o Julgamento Estético dentro das Práticas: uma Sociologia do Vínculo

Tem se desenvolvido no âmbito da sociologia da tradução (ou Teoria Ator-Rede, TAR) uma teoria interessante sobre o vínculo subjetivo para a ação que problematiza a maneira pela qual o sujeito é concebido e como se relaciona com o objeto e o contexto. Como nos estudos da TAR, “os objetos foram transformados em redes e, assim, radicalmente redefinidos. Um projeto semelhante está agora começando a tomar forma: o estudo do sujeito-rede” (GOMART; HENNION, 1999, p. 220). Este é um projeto que centra sua investigação teórica e empírica sobre o vínculo dos sujeitos aos objetos de sua paixão, e pergunta como os praticantes são capazes de colocar em prática as suas paixões (GHERARDI *et al.*, 2007) e como praticar suas paixões pode contribuir para o desenvolvimento de um campo de práticas e para a elaboração de uma estética da prática.

O vínculo é definido como o resultado reflexivo de uma prática corporal, coletiva e orquestrada, regulada por métodos que, por sua vez, são incessantemente discutidos (GOMART; HENNION, 1999) dentro da comunidade de praticantes. Enquanto a psicologia tem tradicionalmente enquadrado o vínculo (e a teoria do vínculo) em termos de relacionamento com outros seres humanos (cuidadores ou entes queridos), uma sociologia do vínculo também o vê em relação a objetos não-materiais e não-humanos. O vínculo ao objeto da prática – seja ele de amor ou ódio, ou de amor e ódio – é o que torna as práticas socialmente sustentadas por julgamentos relacionados não apenas à utilidade, mas também à ética e à estética.

O gosto e as práticas amadoras, como as de amantes da música, de apreciadores de vinho ou comida, ou mesmo de viciados em drogas, constituem a base empírica sobre a qual uma sociologia dos vínculos se desenvolveu (HENNION, 1993, 2001; TEIL, 1998; GOMART; HENNION, 1999; HENNION; MAISONNEUVE, 2000; HENNION; TEIL, 2004; HENNION, 2007). A relação com o objeto – alimento, música, drogas – exemplifica uma relação na qual o amador é de fato ativo, isto é, ele/ela emprega um conjunto de práticas situadas a fim de usar e gozar o objeto de sua paixão individual e coletivamente, mas ele/ela também é passivo/a, já que deliberadamente, e de uma maneira “cultivada”, abandona a si mesmo/a aos efeitos do objeto, na medida em que ele/ela predispõe as condições materiais para o gozo de música, comida ou drogas e socialmente compartilha essa paixão dentro de uma comunidade de amadores. A relação pode ser desenvolvida com um objeto físico, mas também com um abstrato – matemática, contabilidade, uma marca de carro – ou, mais geralmente, com todos os objetos de uma prática de trabalho.

A palavra “amador” tem uma raiz latina: *amare*, que significa literalmente “amar”. Um amador é alguém que pratica como um diletante (ou seja, não profissional, não por dever) e alguém que pratica pelo amor ao que faz. Um amador da música clássica não é, portanto, um profissional, mas o senso comum afirma que um soprano é um amante da música clássica. Proponho, portanto, analisar os praticantes como “amadores”, a fim de explorar a dimensão coletiva do vínculo ao objeto de trabalho que sustenta as práticas de trabalho e as faz mudar ao longo do tempo. Falar de praticantes como “amadores” pode parecer uma contradição de termos, mas isso sinaliza que o trabalho tem sido despojado do elemento passional e submetido a uma lógica predominantemente instrumental.

O vínculo que liga o praticante à sua prática e ao seu objeto, bem como à sua identidade como praticante e aos outros profissionais, é um problema de uma relação apaixonada e prazerosa ou dolorosa, tanto compartilhada quanto coletivamente elaborada. O vínculo não é apenas a relação com o objeto da prática e os sentimentos associados – é também o efeito da formação coletiva do gosto no momento em que os juízos estéticos que suportam a prática são formados. O gosto pode, portanto, ser concebido em termos de formação do gosto, ou seja, uma atividade situada que repousa sobre aprender e saber como apreciar desempenhos específicos de uma prática.

Pertencer a um coro e obter prazer com a música, e pertencer a uma comunidade científica e obter prazer com um artigo particularmente brilhante, são formas de vínculo socialmente

apoiadas pelas respectivas comunidades, as quais desenvolveram vocabulários e critérios específicos de gosto a fim de comunicar, compartilhar e refinar as maneiras pelas quais tais práticas são realizadas. Praticantes em ambos os campos podem ser chamados de “amadores”, no sentido de que “habitam” em uma prática e experienciam um prazer intelectual que compartilham com outros. Quando eu digo que os praticantes “habitam” na sua prática, refiro-me ao conceito de Heidegger (1971) de habitar como se sentir em casa e encontrar abrigo; ao opor construir e habitar, ele é ainda mais explícito:

Normalmente consideramos a produção como sendo uma atividade cujo desempenho tem um resultado, a estrutura concluída, como sua consequência. É possível conceber o fazer dessa maneira; nós, assim, captamos algo que é correto, e no entanto nunca tocamos sua natureza, que é um produzir que traz algo à existência. (HEIDEGGER, 1971, p. 113)

Definir prática como atividade é como olhar para o “construir”, enquanto a ênfase nas práticas como relatabilidade é como “habitar”.

A relação entre construir e habitar foi usada por Heidegger (1971) para questionar a relação entre meios e fins. Um de seus ditados famosos é que “habitar vem antes de construir”, e vemos nessa frase a ideia de que uma prática social está unida às ferramentas que a tornam possível. Ele escreve: “habitar significa apenas que nos abrigamos neles [os edifícios]” (p. 145). Polanyi (1958/1962, p. 195) usa a expressão “habitar em uma prática”, a fim de enfatizar que é ao mesmo tempo a íntima familiaridade comum à prática e ao domínio dela que geram o prazer de praticá-la: “observações astronômicas são feitas ao habitar em teoria astronômica, e é esse gozo interno da astronomia que faz o astrônomo interessado nas estrelas. É assim que o valor científico é contemplado ‘de dentro’”.

Quando as práticas de trabalho são vistas “de dentro”, o que é de interesse do pesquisador é o vínculo intelectual, apaixonado, ético e estético que une sujeitos a objetos, tecnologias, locais de práticas e outros praticantes. Em particular, neste artigo, presto atenção à elaboração do gosto “a partir de dentro” em uma comunidade de praticantes e à utilização de práticas discursivas para expressar julgamentos estéticos, já que o gosto é aprendido e ensinado como parte de se tornar um praticante e é realizado como uma atividade coletiva situada – a formação do gosto – dentro de uma prática.

A sociologia do vínculo fornece um quadro teórico (e uma metodologia) particularmente adequadas para o estudo das práticas como coletivamente sustentadas pelo refinamento constante do gosto dentro de uma comunidade de praticantes, porque se baseia em um conjunto de “deslocamentos”, os quais propõem uma concepção diferente da ação (GOMART; HENNION, 1999):

- Da ação à paixão. Em vez de focalizar os sujeitos, o pesquisador pergunta: através de quais mecanismos esse tipo de “paixão ativa” é realizado?
- De “quem age” para “o que ocorre”. Em vez de focar na ação, o pesquisador volta-se para os eventos e pergunta: o que ocorre, como o efeito é produzido, quais mediadores estão presentes?

- De fazer para sentir. O pesquisador pergunta: como certas pessoas podem provisoriamente ajudar os eventos a ocorrer? Como o sentir é ativamente realizado?

Com essas questões em mente, podemos considerar a relatabilidade normativa das práticas como pragmática, ou seja, em termos de uma atividade reflexiva mediada pela linguagem (HENNION, 2001). Na próxima seção veremos, assim, emergir, no praticante-amador, a figura (e o léxico) do crítico – aquele que formula juízos estéticos sobre a prática.

Aprender as Práticas e o Gosto como uma Realização Coletiva

A sociologia do vínculo propõe uma concepção do gosto em desacordo com a tradição sociológica, a qual desde Veblen (1899/1970), Simmel (1905, 1981) e Bourdieu (1979) definiu o gosto em relação a um processo de distinção social e analisou o julgamento estético em relação ao consumo cultural e à influência das elites na difusão das modas como imposição e imitação. Essa literatura sociológica sobre o gosto baseia-se em uma teoria estratégica da formação do gosto que confere um papel explicativo preeminente ao status sócioeconômico e ao processo de refinamento, significando a crescente sofisticação do gosto de acordo com a distinção social e os sistemas de dominação. Podemos, portanto, argumentar que, enquanto as teorias sociológicas clássicas sobre o gosto assumem um quadro conceitual macrosociológico, ao contrário, foi primeiro Blumer (1969) e, em seguida, Douglas (1996) e DiMaggio (1997) que estabeleceram o gosto em relação a um processo de “seleção coletiva” e negociação local do gosto dentro de configurações institucionais distintas. Mais ou menos ao mesmo tempo, um interesse em estética nasceu dentro dos estudos organizacionais (Strati, 1992) e floresceu nos anos seguintes.

Dentro da filosofia, Gadamer (1960) viu o gosto como o ponto de contato entre os filósofos analíticos e continentais, entre a cultura histórica e estética, e entre a cultura lógica e científica. Para Gadamer, portanto, o gosto é a capacidade de discriminar e criticar, mas sem recorrer a princípios absolutos. Essa dimensão “relativa” permite-nos compreender que o julgamento estético suporta modos locais e situados de praticar, e ao mesmo tempo que sustenta uma relatabilidade normativa da prática, constantemente refina suas modalidades, nutrindo a paixão dos praticantes por aquilo que fazem.

Nos estudos organizacionais, em particular, o interesse em estética tem produzido uma quantidade impressionante de literatura (STRATI, 2008b), a qual explora a dimensão não-racional da vida organizacional, onde o gosto é analisado dentro das micropolíticas dos julgamentos estéticos cotidianos e em relação ao saber através os sentidos. Conhecimento sensível “é uma forma de saber e agir dirigidos aos mundos ‘sensíveis’, diz respeito ao que é percebido através dos sentidos e é julgado, produzido e reproduzido por meio deles. É profundamente diferente do conhecimento produzido através da faculdade cognitiva lógica e de raciocínio voltada para os mundos ‘inteligíveis” (STRATI, 2007, p. 62). O conhecimento sensível, o sentir como uma modalidade de se relacionar com o mundo, sustenta o julgamento estético que expressa nossos sentimentos de prazer ou desprazer. Porém, “beleza ou feiúra são fenômenos confusos, de modo que é no julgamento dos

sentidos que temos de confiar” (STRATI, 1999, p. 109). Segundo Kant, o julgamento dos sentidos é o julgamento confuso que se aplica à perfeição ou imperfeição de uma coisa particular e tem a natureza do sentimento ou do gosto.

Portanto, eu enquadrar gosto como “uma modalidade problemática do vínculo com o mundo” (HENNION, 2004, p. 10), e, para ir da relação com o objeto da prática para a formação de um juízo estético, tenho de introduzir o papel da linguagem. Isso requer referência à pragmática, uma disciplina da linguística que analisa a linguagem como um fenômeno discursivo, comunicativo e social (JACQUES, 1979).

Existem várias vertentes dentro da pragmática, mas a mais próxima à sensibilidade sociológica considera a origem da significação no uso prático feito, e, portanto, estuda a habilidade dos falantes da linguagem natural de comunicar-se mais do que o que eles explicitamente afirmam. A competência pragmática desenvolvida dentro de uma comunidade de praticantes – como no caso que estou prestes a descrever, de participantes em um curso de odores – consiste não apenas da apropriação de um vocabulário especializado e de seu uso competente durante as interações, mas também em saber como entender o que os outros estão dizendo, no que diz respeito às suas implicações para a ação e como expressões de julgamento estético. A pragmática da comunicação entre os praticantes, dentro de sua comunidade, desenvolve e refina o gosto pela prática por meio da conversa sobre a prática e de sua avaliação de acordo com categorias estéticas que não são necessariamente explicitadas. Além disso, analisar empiricamente a pragmática da comunicação entre os praticantes permite-nos descrever como as práticas são ensinadas e aprendidas dentro de uma comunidade.

Para dar um exemplo, refiro-me a um artigo de Geneviève Teil (1998) que descreve como ela aprendeu a desenvolver o gosto durante um curso para treinar o sentido do olfato. Esse sentido e as habilidades profissionais a ele associadas constituem uma área de especialização em demanda tanto pela indústria de alimentos quanto pela de perfumes. Essa habilidade pode ser aprendida no período surpreendentemente curto de cinco dias, mas sua manutenção requer prática constante. A fim de estudar a transmissão desse conhecimento, Teil frequentou o curso e conduziu uma autoetnografia, bem como uma observação participante. Como, portanto, uma pessoa se tornar um degustador? Teil descreve como a aprendizagem produziu mudanças nos gostos e nas práticas olfativas durante o curso de formação, e como isso trouxe uma mudança na relação entre a novata e o objeto, através de:

- aprender a gerir o seu corpo e cérebro, de modo que a “ferramenta olfativa” seja circunscrita dentro do corpo;
- aprender a usar a ferramenta de acordo com normas coletivas, e acima de tudo;
- aprender a verificar o seu funcionamento de forma adequada.

A trajetória de aprendizagem, portanto, prossegue através de: (a) sentir (percepção de impressões sensoriais que delimitam um contexto e uma medida olfativa, e controle sobre as interpretações do cérebro); (b) descrever (desenvolvimento de uma linguagem classificatória com a qual categorizar sensações e comunicar, o abandono do hedonismo de sentir-se ingênuo, a aquisição de uma estética especialista para julgar sensações); (c) usar (estabilizar

a ligação entre o odor e seu descritor olfativo, ganhando controle sobre a aplicação dos critérios metroológicos que permitem a medição da relação entre descritor e odor, e contar com a rede de praticantes a fim de aumentar o desempenho da ferramenta olfativa).

Da análise teórica de Teil, verificamos não apenas que a aprendizagem de conhecimento sensorial se desenvolve através de estágios, os quais se estendem desde o conhecimento mundano do novato ao domínio de conhecimentos especializados dentro de uma comunidade profissional, mas também como a participação na comunidade é contextual para a aprendizagem de uma linguagem especializada com a qual expressar juízos estéticos. Enquanto esse processo se desenrola, o novato se torna um especialista, e o especialista, um crítico do gosto, e cada uma dessas figuras tem uma relação diferente com o objeto, porque ele se envolve em práticas específicas de cada comunidade: simples amadores, especialistas ou críticos.

Ilustrei como o gosto começa a partir da experiência sensível para se tornar um julgamento estético e, finalmente, uma competência profissional. Meu propósito foi mostrar que “com o gosto a faculdade de julgar é liberada de qualquer função lógica [...], o gosto é um julgamento reflexivo ou avaliativo que permite a descoberta das condições subjetivas do conhecimento” (BRUGÈRE, 2000, p. 5). Além disso, essa modalidade me permite chamar a atenção para:

- o corpo como instrumento e fonte primária da relação com o mundo, bem como fonte do conhecimento sensível;
- a linguagem como um meio para interpretar e descrever o conhecimento sensível, e
- a dimensão coletiva da elaboração de práticas discursivas situadas.

Compartilhar um Vocabulário para Apreciação

Obter prazer a partir do objeto de uma prática e compartilhar esse prazer com outros praticantes é algo que é aprendido e ensinado aos recém-chegados através da elaboração coletiva de um léxico compartilhado para comunicar sentimentos sensíveis.

Um dos exemplos mais conhecidos nesse sentido é o fornecido por Cook e Yanow (1993). Ele trata de fabricantes de flautas e de como os aprendizes são treinados para saber se uma flauta soa bem. Nesse processo de produção, cada flauta é trabalhada por vários artesões em sucessão e cada um deles é hábil em apenas alguns aspectos do processo. Uma flauta segue a linha de produção, mas também retorna, até que esteja pronta. Ao descrever como isso ocorre, Cook e Yanow (1993, p. 380) notam que:

um artesão tipicamente só faz observações enigmáticas, como “não parece certo” ou “este pedaço não parece muito certo”. O primeiro artesão retrabalha então a peça até que ambos estejam de acordo que ela “pareça certa” ou tenha “o aspecto certo”.

Quando o aprendiz torna-se juiz de seu próprio trabalho, isso marca o fim da formação, e

dessa forma, a um só tempo, um aprendiz tanto adquire um conjunto de competências em fazer flautas quanto se torna um membro do sistema informal de controle de qualidade que, sem hesitação, tem mantido o estilo e a qualidade desses instrumentos. (COOK; YANOW, 1993, p. 380)

Nesse exemplo, a formação do gosto é realizada através de (poucas) palavras, gestos e da negociação tácita em torno do desenvolvimento do conhecimento sensível. As práticas materiais e discursivas que permitem a negociação do conhecimento sensível simultaneamente constroem a relatibilidade normativa da prática e do gosto pelo “som certo”. Porém, como o gosto é rotinizado, estabilizado e, também, inovado dentro de uma comunidade para se tornar um elemento organizacional, como no estilo de um restaurante? O exemplo a seguir mostra que a repetição e a inovação não são antitéticas.

Refiro-me a um estudo (GOMEZ *et al.*, 2003) sobre restaurantes franceses de alta culinária que descreve a criação, rotinização e inovação do gosto entre os chefs. Os autores relatam que, quando o chef tem uma ideia para um novo prato, ele esboça um cartão técnico que é distribuído aos membros da equipe. Seus cartões técnicos são escritos à mão. Eles descrevem os pratos, seus estilos, seu próprio mundo e seus tons. Eles não são receitas, eles não codificam quantidades ou tempos de cozimento. Como coloca o Chef A:

Existe um cartão técnico [...] que dá a eles [os cozinheiros] o esboço geral e nós o discutimos antes de implementá-lo. [...] Eu dou a eles um quadro referencial dentro do qual eles fazem o que querem [...] Eles fazem o que querem, mas o referencial é preciso [...] Eles não são autômatos.

[...]

Começando com o cartão técnico, os cozinheiros dão vida às ideias do Chef A. O resultado (o que é servido) é, então, provado pelo Chef A e discutido com a equipe para ajustá-lo em 95%. É aí onde as “inovações” dos cozinheiros podem enriquecer o prato. (GOMEZ *et al.*, 2003, p. 114.)

Esse exemplo mostra como a formação do gosto é coletiva e incremental, e usa o conhecimento sensível e um vocabulário de apreciação que permite objetivos materiais muito práticos – produção de flautas ou pratos – e, ao mesmo tempo, permite identidades e prazeres ou desgosto, como nos exemplos a seguir.

De fato, estética também é sobre o feio e o doloroso, porque os locais de trabalho, como fontes de conhecimento sensível e julgamento estético, são muitas vezes desagradáveis e malcheirosos, e o vocabulário para expressar a repulsa é de mau gosto. Por exemplo, Patricia Martin (2002, p. 867), em uma etnografia sobre asilos de idosos, descreve:

Eu vi os funcionários dos asilos construindo socialmente os corpos dos moradores por meio da conversação e da prática. Eles representavam uma concepção dos corpos – como fortes ou fracos, capazes ou incapazes, tocáveis ou intocáveis, limpos ou sujos, cheirando bem ou mal – de formas que moldavam as percepções, as experiências e os sentimentos dos moradores.

O efeito da pragmática do gosto dos funcionários sobre a autoconcepção dos moradores também é relatado por Gubrium (1975) em um estudo de casas de repouso nos EUA. Em tais organizações, os funcionários são rotineiramente exigidos a desempenhar tarefas que eles veem como repugnantes. Ele descreve a remoção de fezes presas de moradores extremamente constipados; o funcionário veste luvas de plástico e alcança o interior do reto do morador para “arrancar” fezes secas e endurecidas, pedaço por pedaço. Os funcionários odeiam essa tarefa em relação às visões, cheiros e toques que ela implica, e seu desgosto, muitas vezes, se transfere para os moradores, diminuindo a sua demonstração de respeito e atenção.

Patricia Martin apresenta o termo “espírito de um lugar”, a fim de enfatizar uma forma de conhecimento organizacional que reflete a cultura e o clima emocional de uma instalação relativos às relações sociais, práticas, rotinas e entendimentos tácitos. O espírito de um lugar é uma expressão eficaz para transmitir o tipo de vínculo emocional, de conhecimento sensível e de julgamento estético que uma coletividade expressa através da atividade situada de formação do gosto.

Outros pesquisadores, como Kathy Mack (2007), a qual estudou o vínculo dos marinheiros com o mar, sugerem que os locais de trabalho são detectados através de experiências multissensoriais (visão, audição, olfato, paladar e tato) que trazem à tona os “sensores de lugar” e os tornam mais acessíveis. Por exemplo, paisagens marinhas são sentidas por meio das histórias acumuladas nos cantos e recantos das casas móveis, de aço, dos marinheiros, as quais formam uma estrutura sobre a qual os marinheiros podem construir um sentido de paisagens marítimas. Para os marinheiros, essas histórias carregam o conhecimento tácito de *marinheirar* e, ao mesmo tempo, o constroem e expressam.

A elaboração de um vocabulário de apreciação (seja ele de expressões enigmáticas, relatos indexicais ou narrativas completas) permite aos praticantes comunicarem julgamentos estéticos e expressarem sua paixão pelo objeto da prática e seu senso de lugar.

Formação de Identidades e Comunidades Epistêmicas

O vínculo ao objeto da prática sustenta a identidade, mas o objeto pode ser contestado e, dentro de comunidades de prática maiores, maneiras diferentes de se relacionar com ele podem dar origem a diferentes identidades e gostos diferentes. Por exemplo, podemos ver como as comunidades epistêmicas elaboraram os seus objetos e suas subjetividades no campo da academia.

Disciplinas científicas consistem de corpos de conhecimento que são situacionalmente praticados dentro de “escolas de pensamento” concorrentes. A matemática, por exemplo, pode ser “feita” de muitas maneiras diferentes. O que é que sustenta a prática de uma determinada escola e a identidade de seus praticantes?

Um estudo histórico de Paolo Landri (2007) sobre a “Escola de Nápoles”, a qual se formou em torno da figura carismática de Caccioppoli no final da Segunda Guerra Mundial,

mostra como a paixão por um desenvolvimento inovador na análise funcional mobilizou uma comunidade epistêmica em torno do seu fundador. Naqueles anos, fazer matemática na Escola de Nápoles era uma prática claramente identificável pela comunidade acadêmica internacional, e para os matemáticos pertencentes à escola isso significava produzir uma “comunidade epistêmica” distintiva.

Landri (2007, p. 410) escreve que “o tecido da matemática se desenvolve dentro de uma comunidade epistêmica; ele se desdobra por meio da diferenciação das escolas matemáticas, implicando diferenças em termos de prática e reflete as diversidades dos julgamentos estéticos sobre os objetos do conhecimento”. Os objetos de conhecimento são o foco dos julgamentos estéticos coletivos e continuados que põem um fim às controvérsias no seio da comunidade epistêmica e mobilizam a paixão pelo conhecimento.

A mobilização da paixão pelo objeto da própria prática contribui para o surgimento de uma comunidade epistêmica distintiva, como ilustrado nas palavras do próprio Caccioppoli. Seu discurso desenvolveu-se por meio de pistas de raciocínios em construção e pelo uso de metáforas, sem usar fórmulas ou escrever no quadro-negro. Ao final da conferência, ele mesmo identificou o que havia apresentado:

Não um método, mas uma direção geral. Um ponto de vista, se você preferir; um cético vai chamar isso de um gosto; um político chamaria de um plano, provavelmente, e porque não?; um poeta pode chamar de um estado de espírito. Anouilh costumava se referir à paisagem como um estado de espírito; no final, um conjunto de teorias pode ser um estado de espírito. (LANDRI, 2007, p. 418-419)

A importância da beleza para definir objetos matemáticos foi confirmada também por outros pesquisadores. Strati (2008a, p. 232-233), num estudo num departamento de matemática, relata como um matemático definiu o objeto do conhecimento em termos éticos/estéticos:

o resultado mais bonito é aquele em que o autor foi capaz de identificar ideias fundamentais, a partir das quais ele trabalha sua teoria seguindo uma linha de raciocínio e uma intuição geralmente geométrica, e a coisa adquire um significado particular, se torna mais clara, é mais fácil entender [...] Um belo resultado muitas vezes é aquele em que o autor demonstra mais do que ele diz.

O autor comenta que aqui, como muitas vezes acontece nas organizações, estética e ética se entrelaçam, de modo que muitas vezes é difícil determinar se “belo” está ou não sendo usado como sinônimo de “bom” ou vice-versa. Ética e estética são muitas vezes entrelaçadas na linguagem e os julgamentos sobre as práticas corretas ou incorretas levam em conta não apenas critérios de racionalidade instrumental, mas também de estilo, elegância, habilidade, inovação e assim por diante.

Fiz referência a esses estudos a fim de mostrar que o vínculo dos profissionais com o objeto da prática é construído no momento e no espaço do praticar, no conhecimento intuitivo, e que os julgamentos sobre a correção ou não da prática não são externos ao seu praticar, mas são formados dentro da ação, e não são apenas sustentados pela prática, mas a constituem.

A apreciação interna dos desempenhos, feita a partir de “dentro” da comunidade, elabora o vocabulário do gosto necessário para refinar as práticas enquanto habilmente as repete.

Além disso, dentro da repetição, o compartilhamento do prazer de fazer é também o compartilhamento do prazer de ser. Vínculo está ligado à individuação. Sem negar a relação com o público da prática, sejam os clientes de restaurantes, de flautas, outros matemáticos, etc., o relato interno das práticas cria identidade, ao mesmo tempo que coloca em movimento um processo de inovação através da repetição incremental e da estabilização de um mundo social e material, como veremos na próxima seção.

Refinar Desempenhos

O gosto molda as práticas de trabalho e as refina por meio da negociação e da refletividade, as quais suspendem o fluxo da ação a fim de intervir e saborear a prática e expressar um julgamento estético da mesma. Podemos dizer que as práticas são constantemente refinadas por meio do processo de formação do gosto, que funciona tanto como um sentimento do perfectível quanto na repetição como tensão em direção a uma perfeição nunca alcançada. As práticas artísticas facilmente ilustram essa dinâmica.

Nos últimos anos, o jazz tem sido amplamente usado (e abusado) nos estudos organizacionais (KAMOCHÉ *et al.*, 2003), porque introduz uma forma de ver a organização como improvisação e como um fenômeno emergente. Desempenhos coletivos, tanto nas artes quanto nos locais de trabalho, oferecem um excelente exemplo de como as práticas são realizadas graças à capacidade de coordenação tácita no centro da ação, e por meio da capacidade de todos os participantes de manter uma postura comum em relação ao objeto da prática, e, acrescentaria, por meio da dinâmica de formação do gosto.

Passo agora a discutir os modos discursivos por meio dos quais esta capacidade de captar o gosto de uma prática é transmitida. O trecho a seguir narra um episódio relativo à orquestra de Duke Ellington (CROW, 1990, citado por WEICK, 1999, p. 550):

Duke veio até mim e disse: “Clark [Terry], eu quero que você toque como Buddy Bolden para mim neste álbum”.

Eu disse: “Maestro, eu não sei quem diabos é Buddy Bolden!”

Duke disse: “Ah, claro que você conhece Buddy Bolden. Buddy Bolden era suave, bonito e um gato afável a quem as mulheres amavam. Ah, ele era tão fantástico! Ele era fabuloso! Ele sempre era procurado. Ele tinha o trompete maior e mais cheio som da cidade. Ele torcia notas à enésima potência. Ele costumava afinar em Nova Orleans e quebrar copos em Argel! Ele era um ás com as diminutas. Quando ele tocava uma diminuta, ele torcia aquelas notas, cara, como se você nunca as tivesse ouvido antes!”

Nessa hora, Duke já tinha me enlouquecido! Ele terminou dizendo: “De fato você é Buddy Bolden” Então eu pensei que era Buddy Bolden.

No fim da apresentação, Duke foi até ele e disse: “Isso foi Buddy Bolden”.

Esse exemplo instiga uma reflexão sobre o modo não-racional, mas emocional, em que o conhecimento é transmitido através de modalidades evocativas e expressivas que relembram um estado de espírito por assonância. Ao mesmo tempo, elas constroem um vocabulário com o qual falar sobre o gosto, partilhar uma experiência e refinar o gosto da prática intersubjetivamente. Assim, tocar como Buddy Bolden torna-se um código compartilhado, uma forma de perpetuar uma prática para além da comunidade de praticantes que originalmente a produziu. Da mesma forma, cozinhar como o Chef A, fazer matemática no estilo de Caccioppoli, ou adotar um estilo de asilo de idosos, todos expressam que gosto é ensinável e pode ser aprendido.

Uma segunda reflexão incitada por esse exemplo diz respeito ao que Weick (1999, p. 548) chamou de “retrospecto como forma”, a fim de introduzir um contraste entre as formas desenvolvidas pelo método de projeto e formas desenvolvidas pelo método retrospectivo. Enquanto as primeiras são baseadas em planejamento prévio na forma de um projeto, as últimas são baseadas na improvisação sustentada e apoiada por aquilo que já foi feito. Por exemplo, um pintor desenvolve o seu trabalho a partir de esboços preliminares, assim como para o romancista a forma final está contida em esboços e rascunhos.

A racionalidade retrospectiva explica como as práticas emergem através da improvisação constante que muda a sua execução, mas mantém a sua forma. A repetição das práticas não é mecânica, assim como cada execução da mesma peça de jazz não é idêntica à anterior. Essa consideração leva-nos a uma última analogia entre o jazz e as práticas de trabalho não-artísticas.

O jazz tem sido chamado de “uma arte imperfeita” (GIOIA, 1988) e essa definição permite a Weick, e a nós, falar da estética da imperfeição. Assim como o jazz é, em parte, sobre falsos começos, falhas e execução defeituosa em busca da excelência e da inovação contínua, da mesma forma, um grupo de praticantes pode ser genuinamente comprometido com a inovação e constantemente refletir sobre a qualidade do seu desempenho e tirar prazer compartilhado da maneira em que isso reproduz a mesma prática enquanto constantemente inova em torno a ela.

Formação do Gosto: Elaborar e Sustentar o Vínculo com o Objeto da Prática

Este artigo nasceu de um desejo de contribuir para a retomada dos conceitos de prática como relatabilidade normativa e conhecimento prático que identificam a característica saliente da prática em ser “ensinável e aprendível”. O conhecer na prática como uma atividade coletiva situada é um tema de pesquisa distintivo dos estudos baseados na prática, mas ainda é pouco explorado do ponto de vista do vínculo dos praticantes com o objeto de suas práticas.

A partir de uma distinção entre uma definição de prática como regularidade das atividades e uma definição de prática como relatabilidade normativa de seus desempenhos, argumentei

que, embora a primeira concepção seja útil, é restritiva, enquanto que uma concepção que vê a prática como atividade socialmente sustentada gera uma interpretação mais ampla, pois não problematiza o que é feito, mas o que sustenta socialmente “uma maneira de fazer as coisas juntos”. Os julgamentos estéticos dos praticantes não apenas sustentam as práticas socialmente, mas contribuem tanto para o vínculo dos praticantes com o que fazem quanto para a dinâmica da mudança incessante nas práticas enquanto elas são praticadas.

Segundo Bauman (1995), podemos dizer que a concepção da prática em termos de “conjuntos de atividades” denota uma relação de “manuseio” com o mundo: isto é, uma relação modernista de querer dominar o mundo ao domesticá-lo com práticas de cálculo e consumo. A concepção de práticas “como maneiras de fazer as coisas juntos” denota uma relação de “degustação”, ou seja, uma relação pós-moderna que sustenta uma moralidade diferente. Nas palavras de Bauman:

No que tange ao engajamento moral, “degustar” o mundo parece oferecer um avanço considerável sobre “manuseá-lo”. Aquele/a que manuseia ignora as formas das coisas como elas são e, muitas vezes, se irrita com elas – já que ele/ela sabe qual forma (ou disformação) quer que elas tenham. Aquele/a que degusta quer que a coisa tenha sabor, e um sabor original, e um sabor próprio. (BAUMAN, 1995, p. 125)

Portanto, a fim de ilustrar a dinâmica de formação do gosto, propus olhar para os praticantes como “amadores”. Essa analogia permitiu-me explorar a competência do praticante não como um “*expert*”, nem como um “*connoisseur*”, mas como um “amante” de algo. A formação do gosto foi definida como o processo de dar voz à paixão e negociar os critérios estéticos que suportam o que constitui “uma boa prática” ou “uma prática desleixada” e “uma bela prática” ou “uma prática feia” dentro de uma comunidade de praticantes. O gosto é formado dentro de práticas discursivas situadas. O julgamento estético é feito ao ser dito – e, portanto, pressupõe a elaboração coletiva e o domínio de um vocabulário para dizer – e é dito ao ser feito.

A formação do gosto é, portanto, o processo que sustenta socialmente a constituição do gosto e a sofisticação das práticas através:

- da mobilização do conhecimento sensível (a capacidade corpórea de perceber e de saborear), o compartilhamento de um vocabulário para a apreciação do objeto e do objeto no local. Desenvolver um vocabulário de apreciação permite à comunidade de praticantes comunicar as experiências sensíveis, fazer distinções de gosto e espalhá-las através da comunidade;
- da constituição mútua do sujeito e do objeto dentro da prática. A formação do gosto forma identidades e comunidades epistêmicas ao mesmo tempo, e compartilhar uma estética fornece o sentimento de pertencimento a uma comunidade específica dentro de uma comunidade;
- da estética da imperfeição que responde pelo constante refinamento das práticas e sua historicidade em relação às práticas do passado e sua continuação em

práticas futuras. Se usarmos a definição de Kant de julgamento estético como um julgamento sobre perfeição/imperfeição, podemos ver na formação do gosto tanto sua dependência de julgamentos estéticos feitos no passado e imbricados na prática corrente, quanto a estética da imperfeição que por meio de tentativas repetidas e da dinâmica interna da estética crítica refina constantemente a prática.

Finalmente, devem ser salientadas as limitações da analogia entre amador e praticante. Ser um amador, no sentido de ter uma paixão por um fazer específico, os conhecimentos associados a isso, uma forma específica de consumo (alimentos ou música) – pressupõe a adesão voluntária a um campo de práticas e uma certa liberdade em abandonar tais práticas ou praticá-las de forma mais esporádica. O amador associa-se livremente com aqueles que compartilham de um certo gosto por uma prática e de forma relativamente livre se dissocia de gostos dos quais não compartilha. Amadores são praticantes de uma determinada prática amadora que, portanto, difere-se da prática profissional. Embora todos os amadores sejam praticantes, nem todos os praticantes profissionais são amadores do que fazem, tanto em termos da estruturação normativa do campo de suas práticas, o qual responde a uma relatabilidade ocupacional ou organizacional, quanto em termos de vínculo ao objeto da prática. Dentro de uma comunidade de praticantes profissionais, o vínculo ao objeto da prática pode assumir tanto a forma de tipo-ideal “*sine ira et studio*”³ quanto aquela da profissão: “*beruf*”, isto é, vocação. A negociação do vínculo coletivo ao objeto da prática pode ser visto como um sistema gradativo de amadorismo. Essa constatação abre caminho para a análise das formas de vínculo, sua dimensão temporal e situada, a negociação de estética e sua contextualização em relação à dinâmica de poder. Essa via é viável, acredito, se os estudos baseados em prática endereçarem de forma mais decisiva a problemática do que sustenta as práticas e sua reprodução situada.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Life in Fragments: Essays in Postmodern Morality**. Oxford: Blackwell, 1995.

BLACKLER, F.; CRUMP, N.; MCDONALD, S. Organizing Processes in Complex Activity Networks. **Organization**, v. 7, n. 2, p. 277–300, maio 2000.

BLUMER, H. Fashion: From Class Differentiation to Collective Selection. **Sociological Quarterly**, v. 10, p. 275–291, abr. 2005. Disponível em: < <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1533-8525.1969.tb01292.x/pdf>>. Acesso em: 19 out. 2011.

BOURDIEU, P. **La distinction: critique sociale du jugement de goût**. Paris: Minuit, 1979. (Coll. Le sens commun).

BROWN, J. S.; DUGUID, P. Knowledge and organization: a social-practice perspective, **Organization Science**, v. 12, n. 2, p. 198–213, 2001.

BROWN, J. S.; DUGUID, P. Organizational learning and communities of practice:

toward a unified view of working, learning and bureaucratization. **Organization Science**, v. 2, p. 40–57, 1991. Disponível em: <<http://www.idi.ntnu.no/grupper/su/publ/esc/brownduguid91.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2011.

BRUGÈRE, F. **Le goût: art passions et société**. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

COOK, S.; YANOW, D. Culture and organizational learning. **Journal of Management Inquiry**, v. 2, n. 4, p. 373–390, 1993.

CROW, B. **Jazz anecdotes**. New York: Oxford, 1990.

DIMAGGIO, P. Culture and Cognition. **Annual Review of Sociology**, v. 23, p. 263–287, 1997.

DOUGLAS, M. **Thought styles: critical essays on good taste**. London: Sage, 1996.

GADAMER, H. G. *Wahrheit und methode*. Tübingen: Mohr, 1960.

GHERARDI, S. Practice-based theorizing on learning and knowing in organizations: an Introduction. **Organization**, v. 7, n. 2, p. 211–223, p. 2000.

GHERARDI, S.; NICOLINI, D.; STRATI, A. The Passion for Knowing, **Organization**, v. 14, n. 3, p. 309–323, 2007.

GIOIA, T. **The Imperfect Art**. New York: Oxford, 1988.

GOMART, E.; HENNION, A. A Sociology of Attachment: Music, Amateurs, Drug Users, In: J. LAW; J. HASSARD (eds) **Actor Network and After**. Oxford: Blackwell, p. 220–247, 1999.

GOMEZ, M. L.; BOUTY, I.; DRUCKER-GODARD, C. Developing Knowing in Practice: Behind the Scenes of Haute Cuisine. In: NICOLINI, D.; YANOW, D.; GHERARDI, S. (Eds). **Knowing in organizations: a practice-based approach**. Armonk, NY: M.E. Sharpe. 2003. p. 100–25.

GUBRIUM, J. F. **Living and dying at Murray Manor**. New York: St. Martin's Press, 1975.

HEIDEGGER, M. **Poetry, language, thought, trans**. Albert Hofstadter. New York: Harper Colophon Books, 1971.

HENNION, A. **La passion musicale: une sociologie de la médiation**. Paris: Métailié, 1993.

HENNION, A. Music lovers: taste as performance. **Theory, Culture & Society**, v. 18, n. 5, p. 1–22, 2001. Disponível em: <<http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/19/31/24/PDF/Hennion2001MusLoversThCultSoc.pdf>> Acesso em: 19 out. 2011.

HENNION, A. Une sociologie des attachments : D'une sociologie de la culture à une pragmatique de l'amateur, **Sociétés**, v. 85, n. 3, p. 9–24, 2004.

HENNION, A. Those things that hold us together: taste and sociology. **Cultural Sociology**, v. 1, n. 1, p. 97–114, 2007.

HENNION, A.; MAISONNEUVE, S. **Figure del'amateur**: formes, objets et pratiques del'amour de la musique aujourd'hui. Paris: La Documentation Française, 2000.

HENNION, A. ; TEIL, G.. Le goût du vin : pour une sociologie de l'attention. In: **Le goût des belles choses**, V. Nahoum-Grappeand, O. Vincent (éds.), Paris: Editions de la MSH, 2004. p. 111-126

JACQUES, F. **Dialogiques**: recherches logiques sur le dialogue. Paris: PUF, 1979.

KAMOCHE, K.; CUNHA, M. P. E.; CUNHA, J. V. da. Towards a theory of organizational improvisation: looking beyond the jazz metaphor. **Journal of Management Studies**, v. 40, p. 2023–2051, dez. 2003.

LANDRI, P. The Pragmatics of Passion: A Sociology of Attachment to Mathematics. **Organization**, v. 14, n. 3, p. 407–429, 2007.

MACK, K. Senses of seascapes: aesthetics and the passion for knowledge, **Organization**, v. 14, n. 3, p. 367–84, 2007.

MARTIN, P. Sensations, bodies & the “spirit of a place”: aesthetics in residential organizations for the elderly. **Human Relations**, v. 55, n. 7, p. 861–885, 2002.

ORLIKOWSKI, W. J. Using technology and constituting structures: a practice lens for studying technology in organizations. **Organization Science**, v. 11, n. 4, p. 404–28, 2000.

ORLIKOWSKI, W. J. Knowing in practice: enacting a collective capability in distributed organizing. **Organization Science**, v. 13, p. 249–273, 2002.

ORR, J. **Talking about machines**: an ethnography of a modern job. Ithaca, N Y: Cornell University Press, 1996.

POLANYI, M. **Personal knowledge**. London: Routledge and Kegan Paul 1958/1962.

ROUSE, J. **How scientific practices matter**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 2002.

SAMRA-FREDERICKS, D. Strategic practice, “discourse” and the every day interactional constitution of “power effects”, **Organization**, v. 12, n. 6, p. 803–41, 2005.

SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (eds) **The practice turn in contemporary theory**. London and New York: Routledge, 2001.

SIMMEL, G. **Philosophie der mode**. Frankfurt: Suhrkamp, 1905/1981.

STRATI, A. Aesthetic Understanding of Organizational Life. **Academy of Management Review**, v. 17, n. 3, p. 568–581, 1992.

STRATI, A. **Organization and Aesthetics**. London: Sage, 1999.

STRATI, A. Sensible Knowledge and Practice-based Learning. **Management Learning**, v. 38, n. 1, p. 61–77, 2007.

STRATI, A. Aesthetics in the Study of Organizational Life. In: BARRY, D.; HANSEN, H. (Eds). **The Sage handbook of new approaches in management and organization**. London: Sage, 2008a. p. 229–38.

STRATI, A. Do You Do Beautiful Things?, In: BUCHANAN, D.; BRYMAN, A. (Eds). **The Sage handbook of organizational research methods**. London: Sage, 2008b. p. 230–45.

SUCHMAN, L. Organizing alignment: a case of bridge building. **Organization**, v. 7, n. 2, p. 311–327, 2000.

TEIL, G. Devenir expert aromaticien: y at-il une place pour le goût dans les goûts alimentaires?. **Sociologie du Travail**, v. 4, p. 503–522, 1998.

VEBLEN, T. **The Theory of the Leisure Class: an economic study of institutions**. London: Unwin, 1899/1970.

WEICK, K. The aesthetic of Imperfection in orchestras and organizations. In: CUNHA, M. P.; MARQUES, C. A. (Eds). **Readings in organization science**. Lisbon: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 1999. p. 541–564

YANOW, D. Translating local knowledge at organizational peripheries. **British Journal of Management**, v. 15, p. 9–25 2004. Disponível em: <http://www.illawarraforum.org.au/ARCresearch/documents/Yanow_2004.pdf>. Acesso em: 19 out. 2011.

NOTAS

- 1 Agradecemos a Sage Publications pela permissão em republicar este artigo: GHERARDI, S. Practice? It's a matter of taste! **Management Learning**, v. 40, n. 5, p. 1-16, 2009..
- 2 No original: “it does not feel right”.
- 3 Sem raiva e parcialidade (expressão latina).

**Silvia
Gherardi**

É professora titular em sociologia das organizações na Faculdade de Sociologia da Universidade de Trento, Itália, onde ela coordena a Unidade de Pesquisa sobre Comunicação, Aprendizagem Organizacional e Estética (www.unitn.it/rucola). Suas áreas de interesse incluem a exploração de diversos aspectos “leves” do conhecimento nas organizações, com uma ênfase peculiar para os aspectos cognitivos, emocionais, simbólicos e linguísticos da aprendizagem organizacional.